



ALMA NOVA

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

PELO RESURGIMENTO
DAS

ARTES • LETRAS • CIÊNCIAS e da PÁTRIA

ANO II • ABRIL DE 1946 • N.º 4 - (16)

** DIRECTORES **

LITERÁRIOS :

A. BUSTORFF * E *

MATEUS MORENO **

ARTÍSTICO :

SAAVEDRA MACHADO

Secretario da Redacção

* SACADURA CABRAL *

ETNOGRAFIA ARTISTICA

I

Uma «córna» alentejana



ADJUNTO desenho, onde Saavedra Machado pôs a exactidão e delicadeza que costuma pôr em todos os trabalhos que executa para o Museu Etnologico, representa uma córna pertencente ao mesmo Museu. *Córna* tem neste caso a significação de recipiente feito de um segmento de chifre de boi, de 0^m,15 a 0^m,20, *plus minus*, de altura, com fundo e tampa de cortiça, e a superfície muitas vezes cheia de labores artisticos, como aqui: serve principalmente para conter azeitonas, mas pôde conter carne de porco, e outros mantimentos, e servir de vaso de beber. Utilizam-na os pastores e trabalhadores do Alentejo quando vão para o campo.¹

A presente córna foi feita por um pegureiro. Passarei a descrevê-la.

Considerando-a emborcada, distinguem-se nela, alem de uma faxa rendada que a cinge em quasi todo o bôrdo do bocal, sete secções longitudinais, sendo tres d'elas mais largas que as quatro restantes: uma das referidas secções maiores domina o dorso, e as outras duas occupam a parte mais curva do vaso. Na secção

¹ Agora só trato do Alentejo, e não de outras provincias onde se usam recipientes semelhantes. Em Tras-os-Montes, por exemplo, ha d'estes artefactos tambem ornamentados: em Valpaços chamam-lhes *galhas* (a palavra *galha* está para *galho*, como *córna* para *córno*), e lá obtive um exemplar em 1915 para o Museu Etnologico. — *Córna* tem outras acepções, uma das quais veremos adiante.

que domina o dorso vê-se uma planta, provavelmente herbacea, de cujo caule partem ramos com folhas e flores, para a direita e para a esquerda; o proprio caule ergue-se entre duas plantas baixas, tambem providas de flores e folhas. Das outras duas secções maiores, uma, á esquerda do observador, é muito complicada: ha nela flores, corações, ornatos de fórma de renda, uma data («1884»), e dois quadrupedes (cão e burro), cada um pousado em sua base triangular. A terceira secção maior, á direita do observador, compõe-se de um vaso cordiforme, de que parte uma planta (herva) atravessada por outra data («1878»), e ladeada de ornatos de várias especies (coração, estrelas, folhas, rosetas etc.). As secções menores ficam entre as maiores. Duas estão assim dispostas: uma, á direita da do dorso (ou esquerda do observador), formada de uma serie de seis rosetas, tangentes duas a duas; outra, á esquerda (direita do observador), formada de dez circunferencias, que se cortam entre si, e abrangem ramos e rosetas, pousando a circunferencia do fundo no bôrdo de um vintem de «D. LUIZ I REI DE PORTUGAL». As duas secções menores de que falta falar estão contiguas, e ficam entre as secções maiores da parte curva da córna: uma d'elas compõe-se de uma linha ondulada em cujas curvas (oito) se abrigam rosetas; a outra, a mais simples de todas, é formada de depressões triangulares dispostas á moda de cruces da ordem de Cristo. Nos

vazios deixados pelos ornatos principais intercalou por vezes o artista ornatos secundários. No desenho a corno mostra-se longitudinalmente em quasi metade da sua superficie.

Já na *Rev. Lusitana*, II, 33, me referi a analogas cornas artisticas, e no *Arch. Port.*, XVII, 288, est. II e III, e XIX, 390, est. II e III, publiquei quatro, tambem desenhadas por Saavedra. Visto que o *Archeologo* só costuma andar por mãos de especialistas de cousas antigas, entendo que, publicando na *Alma Nova* mais uma corno, tornarei conhecido de outro círculo de leitores um curioso espécime de arte popular e etnografia, que nem todos conhecerão: e assim respondo ao amavel convite que a redacção do jornal me dirigiu.

Como nas outras cornas publicadas, tambem nesta os temas foram tirados da observação da vida quotidiana (cão de gado, burro)¹, da Natureza (plantas, astros), do sentimento (coração), da fantasia (ornatos geometricos e outros): o autor combinou tudo, ou conforme já vira fazer aos seus companheiros, pois nota-se sempre nestes trabalhos pastoris certa tradição ou convenção artistica, ou conforme o espaço de que dispunha. O desenho, que é traçado a canivete, está feito com mão firme; as folhas, as flores, os corações são estilizados, mas com regularidade, por assim dizer, geometrica. Apesar da demasiada rigidez que um anatomico descobrirá na cabeça régia que ocupa o anverso da moeda, quem não admirará a variedade dos restantes ornatos da corno, e a profusão e simetria com que o entalhador os distribuiu por toda ella? Nestes ornatos predomina a Natureza vegetal: parece que o pastor se inspirou principalmente nas multiplas hervas e flores que na Primavera pintalgam a vasta campina alentejana e dão a quem as contempla a impressão de que tem estendidos diante de si tapetes tão lindos como os de Arraiolos.²

¹ Cão e burro acompanham freqüentemente o pastor do Alentejo. O cão guarda-o a ele e ao gado, o burro serve para ás vezes levar no dorso uma cria nova ou doente, para acarretar comedorias de um local para outro, etc.

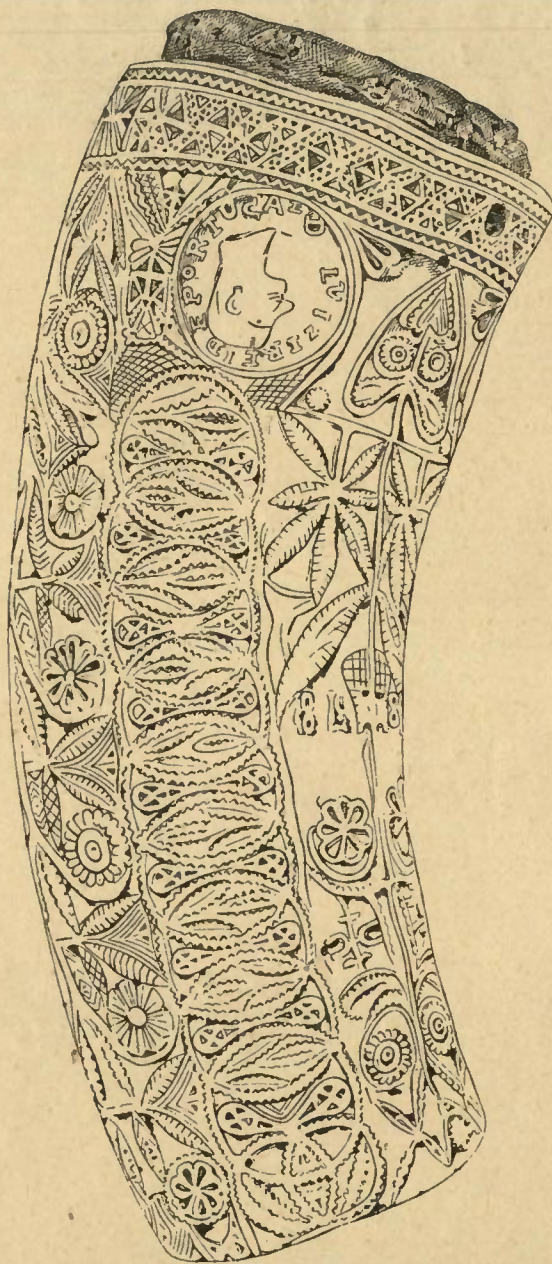
² Ás vezes a inspiração na Natureza é só indirecta:

Dos elementos decorativos da corno só insistirei num, a moeda, por ser o menos vulgar, com quanto não raro. Ao «coração» consagrei umas palavras no *Archeologo Português*, XIX, 399-400¹; relativamente a outros elementos decorativos disse algo no *Estudo Ethnographico*, Porto 1881, p. 34 ss., e juntei materiais nas *Religiões da Lusitania*, III, 588-589, 598 (nota) e 607.

As moedas, além da sua significação economica e historica, podem ter ao mesmo tempo merito estetico. A numismatica dos Gregos encerra a este respeito verdadeiras maravilhas, sempre depois imitadas, pelos Romanos e pelos modernos, mas nunca excedidas. Por causa de serem obras de arte, as moedas aproveitaram-se muitas vezes como adorno, — moedas verdadeiras, ou imitações —, prática que provém da antiguidade. Em varios museus de França, Alemanha, Inglaterra etc. tenho visto aneis antigos com moedas romanas ou bizantinas incrustadas neles, e tenho visto moedas romanas que serviram de medalhas e de ornatos de colares. Para não alargar demasiadamente este artigo, não exponho aqui as notas que tomei; póde porém o curioso consultar o *Catalogue of the jewellery, Greek, Etruscan and Roman*, do Museu Britanico, Londres 1911, pp. 316-318; as *Annales de la Soc. Arch. de Bruxelles*, XXI, 66; Mowat, *De quelques objets antiques incrustés de monnaies*, Paris 1889; Regling, *Numismatische Litteratur*, 1903-1904, p. 16; Cazurro, *Terra sigillata*, p. 29. Dos visitantes do Gabinete Numismatico da Biblioteca Nacional de Paris é bem conhecida a magnifica taça de Rennes, guarnecida de «aureos». Contribue para este aproveitamento das moedas, a par com o valor artistico, tambem por vezes o valor real. Por isso nas *Pandectas* ou *Digesto*, liv. VII,

assim certos pastores copiam, por exemplo, as flores que estão estampadas em lenços; porém não ha dúvida que eles reproduzem tambem flores do campo e do jardim (d'alandro, de saramago, de esteva, rosa d'Alexandria, cravo etc.)

¹ Se eu desenvolvesse a materia que tratei condensadamente nessas duas págnas, podería formar longo artigo.



Saavedra Machado
1914

«CORNA» ALENTEJANA

:: POR : SAAVEDRA MACHADO ::
NA COLEÇÃO DO MUSEU ETNOLÓGICO PORTUGUÊS

tit. VII, se fala de moedas *pro gemmis*, «como joias». Nos tempos modernos não só servem de enfeite corporal etc. moedas que estão fóra de uso, mas moedas correntes: não faltam alfinetes, pendentés, botões, com elas, sobretudo com as de metais preciosos. O *ganadêro* alentejano que esculpiu a córna não fez pois mais do que conformar-se com usos séculares; vendo que não podia embutir no vaso um pinto d'ouro, contentou-se com reproduzir nele o anverso de uma vulgar moeda de cobre que por acaso trazia no bolso. ¹

Depois de falar da decoração da córna, falarei agora da aplicação geral que a substancia de que esta é feita tem tido como recipiente; restringir-me-hei porém o mais possível, por causa da extensão que o meu artigo vai tomando.

No reino de Damute ha «boys muy grandes e mansos; tem grandissimos cornos, dos quaes usão os moradores d'esta terra em logar de cantaros de serviço, e levam alguns mais de meyo almude». ² O *rhytôn* dos Gregos, pela sua fórma, devia ser na origem um chifre, pois que os Gregos se serviam primitivamente de chifres de boi como vasos de beber. ³ A essa palavra, na fórma deminutiva, corresponde em latim *rhytium*. Horacio fala de uma almotolia de corno, que pesava duas libras: *cornu . . bilibri*. ⁴ Do uso do chifre como vasilha nos povos barbaros da Europa antiga dão-nos muitas noticias os autores classicos. ⁵ Em especial

¹ Assim como fazem isto, tambem os pastores preparam discos de madeira em que imitam perfeitamente moedas, — anverso e reverso; estes discos servem de pendentés de cadeias de relógio (ha um no Museu Etnologico). Vem a proposito acrescentar que no Sul os trabalhadores (não tanto por atavio, como por utilidade prática) seguram não raro o espigão das foices com moedas de cobre pregadas no cabo, — costume que já encontrei mencionado em um autor nosso do sec. XVII.

² Fr. João dos Santos, *Ethiopia Oriental*, liv. 4.º, cp. 2, ed. de 1609, fls. 103.

³ *Dict. des antiq.* de Daremberg & Saglio, s. v., «cornucopia».

⁴ *Sat.*, II, 2, 61.

⁵ Vid. o *Lexikon* de Schrader, s. v. «Horn», onde elas se acham coligidas.

vigorava esse uso nos Germanos, e d'eie nos falam as lendas e tradições meievais dos mesmos. ¹ Em tempos modernos, a nossa propria etnografia (para eu não sair de casa a colher mais exemplos) nos ministra varios documentos comparativos. Em Mertola os trabalhadores que vão para o campo levam azeite e vinagre em dois enormes chifres, e o mesmo fazem os «quinteiros» da Covilhã quando vão dar dias fóra; no primeiro caso os chifres chamam-se *córnas* (d'onde a expressão «aviar as córnas»), no segundo *azeiteiros*. A palavra *azeiteiro* applica-se em Avis a um chifre que serve para conter azeite e vinagre, e em Obidos, e igualmente na Covilhã, a outro em que os «carreiros» levam azeite e sêbo com que untam os eixos dos carros, para estes não chiarem. Do uso do sêbo provém o nome *sebeiro*, sinonimo de *azeiteiro* (tambem em Obidos). O costume de levar sêbo e azeite para untar os eixos dos carros existe, como é natural, em muitas partes, e á entrada das povoações lê-se por vezes um aviso aliterado que se relaciona com ele: *cale o carro*. Quando digo que uma palavra ou um costume existe numa terra, não quero dizer que sejam só de lá, mas que foi lá que colhi as minhas informações. Em Viseu e no Alto-Minho (Perre etc.) os romeiros e os feirantes levam vinho num chifre de boi, pôsto com uma correia a tiracolo. Em Estremôz usa-se ás vezes um copo de beber feito de chifre de boi, com leves enfeites. Na Beira-Alta e em Mertola formam-se colecções de copos de diferentes dimensões encaixados uns nos outros, — para comodidade do transporte; em Mertola o último da coleção serve de saleiro, e tem uma tampinha. Omito a menção de outros utensilios: frasco, canudo de agúdias, polvorinho, patife (para tabaco) etc. — Se, pela decoração, a córna que serviu de assunto ao meu estudo tem companhia antiga e extensa, tambem, como vaso ou recipiente, não a tem inferior no que toca á materia prima.

Campolide, 12 de Abril de 1916.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

¹ D. Cecilia Branco in *Rev. Lusitana*, I, 296.

ARTISTAS DE PORTUGAL

SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DA ◉ ◉ ◉ ◉

◉ ◉ ARTE PORTUGUÊSA CONTEMPORANEA

◉ ◉ ◉ (ANÁLYSE, CRITICA E BIOGRAPHIA) ◉ ◉ ◉

Introducção

Ao iniciar, com a collaboração crítica de Luís Chaves, os meus estudos biographicos dos artistas portuguezes contemporaneos, não tenho outro fim que não seja o de por um lado prestar um serviço, embora modesto, á Arte do meu país, e por outro dar começo a um trabalho para mim a um tempo altamente agradável e espiritual, que é o de colligir pouco a pouco as biographias dos artistas que têm contribuído com o seu esforço para o engrandecimento da Arte Portuguéza.

São já conhecidas, não só dos estudiosos da especialidade, mas ainda do publico que se interessa por assumptos de Arte, a obra e a biographia daquelles que são hoje justamente considerados os mestres da nossa pintura; mas, o que não existe, e essa lacuna o nosso esforço pretende preencher, é um trabalho subsidiario, mais ou menos completo, onde se encontrem reunidos não só os estudos biographicos e criticos dos Mestres, mas ainda identicos estudos correspondentes á producção de Arte de cada um dos artistas das gerações modernas. E será, creio, não só de utilidade, mas de absoluta justiça, tornar conhecido o labor artistico dos artistas novos, daquelles para quem a Arte nunca foi um divertimento infantil, um passatempo frivolo, uma extravagancia exotica, mas sim a preocupação de sempre, aquella Arte que só consegue realizar-se com o estudo aturado e productivo, alliado ao sentimento, Arte colhida directamente na interpretação sincera da Natureza e da Vida, e ainda, a mais transcendente, na Emotividade e no Sonho.

Sabendo hoje, e bem, quanto o nosso trabalho nos custa, não somos tambem d'aquelles que, sem motivo, desdenhamos do trabalho dos outros, e por esse facto é-nos até muito grato lembrar aqui, no momento de dar começo a estes desprezenciosos subsidios, quanto de valioso deve já a Arte Portuguéza, no campo crítico, ao fallecido escriptor Ramalho Ortigão, ao Dr. José de Figueiredo, ao Professor Henrique de Vilhena, a Antonio Arroyo, a Joaquim de Vasconcellos e poucos mais; no jornalismo, a Oldemiro Cesar, a Forjaz de Sampayo, a Santos Vieira, a Silva Passos, a Aquillino Ribeiro, a Hermano Neves, a A. Bustorff, a Matheus Moreno e a outros que, nas suas chronicas, artigos e noti-

cias, tanta vez se têm interessado pela causa dos artistas, e em geral aos que, de qualquer forma, ainda a mais modesta, tenham contribuído para que seja lembrada a Arte Nacional. E não é, como querem alguns, tão pobre a nossa Arte que se não possam contar nella nomes gloriosos, como os de Nuno Gonçalves, Christovam de Figueiredo, Sanches Coelho, Domingos Sequeira, Silva Porto, Alfredo Keil e tantos mais. Não é ella tão pobre de energias que nos não mostre ainda hoje o poder ascendente e creador do grande mestre Columbano, a pintura forte e tão portuguéza de Malhõa, a producção tão requintadamente artistica de Antonio Ramalho, as telas tão cheias de côr e de luz de Carlos Reis, a paysage fecunda, technicamente perfeita e emocional do grande pintor Sousa Pinto, os trabalhos de restauro tão cheios de religiosidade de Luciano Freire e ainda algumas bellas pinturas de Arthur Loureiro, de José de Brito, de Salgado e Antonio Carneiro, que é tambem um extraordinario desenhador, e de Roque Gameiro, o expressivo aquarelista.

Enveredando para a esculptura e para a architectura, quantos nomes dignos tambem da nossa admiração, desde o de Machado de Castro ao de Soares dos Reis, desde o de Teixeira Lopes ao de Costa Motta, e os dos architectos Andrade, Rosendo Carvalheira, Ventura Terra, Raul Lino, Norte Junior, Tertuliano e tantos outros! No Humorismo, quanto foi grande esse Raphael Bordallo, quanto foi originalissimo esse Celso Herminio, quanto gracioso e delicado Francisco Teixeira, quanto ainda hoje festejados Valença e Leal da Camara! E alongando a série, avançando mais, vindo até a gerações novas, quantas affirmações de talentos fortes, quantas esperanças gloriosas para a nossa Arte! Povõam ainda a nossa saudade nomes como os desse grande torturado que foi Ricardo Ruivo e desse delicado paysagista que se chamou Dias Serra. Actualmente, Constantino Fernandes, Adriano de Sousa Lopes e Alves Cardoso constituem só por si uma trindade de temperamentos artisticos de subido valor, todos na plena pösse dos seus processos technicos e dirigindo-se a passo firme, no caminho do Ideal. Depois Saude e Trigo, o primeiro mantendo sempre a sua maneira tão pessoal de pintar, o segundo considerado com justiça, com Lyster Franco, um verdadeiro

artista da paisagem, o mais talentoso interprete das bellezas do Algarve.

Dos aguarellistas, não devem ficar esquecidos dois dos maiores: Alberto Sousa, que tem sido um incansavel documentador da nossa Terra e um primoroso illustrador, e Alves de Sá, o delicadissimo poeta dos poentes.

Um pintor de altissimo valor, que nos ultimos annos se tem feito notar, é Martinho da Fonseca; elle tem sabido alliar, a uma orientação consciente, uma technica pessoalissima e uma emotividade fóra do commum. Outro pintor original e dos que mais valem é o paysagista Armando de Lucena; e cheios de mocidade e de real talento são tambem os pintores Alfredo Migueis, Henrique Franco, Araujo, Bonvalot, João Reis, Romero, Andrade, Lacerda, Ayres, Adriano Costa, Bentes, Dordio Gomes, Renda, Henrique Pimenta, Constancio, Samóra Barros, Carneiro, Oliveira, Manta e Ruy Vaz. Na escultura, Costa Motta sobrinho, Francisco dos Santos, Anjos Teixeira, Maximiano Alves, Raul Xavier e Ernesto do Canto.

Finalmente, fechando a serie, abrindo clareiras nessa extensa floresta de Sonho, que é a Arte, procurando, cheios de fé, desvendar-lhe novos segredos, lembram-nos ainda os nomes illustres dos pintores Manoel Jardim e Eduardo Viana, e tambem os de

alguns desenhadores humoristas de creditos solidamente firmados, como Christiano Cruz, grande artista da linha, Emmerico Nunes, documentador gracioso e leve de scenas familiares, Hypolite Collomb o artista illustre, grande na modestia e no talento, e Stuart Carvalhaes, rigoroso e sentido interprete dos revoltados e dos que soffrem.

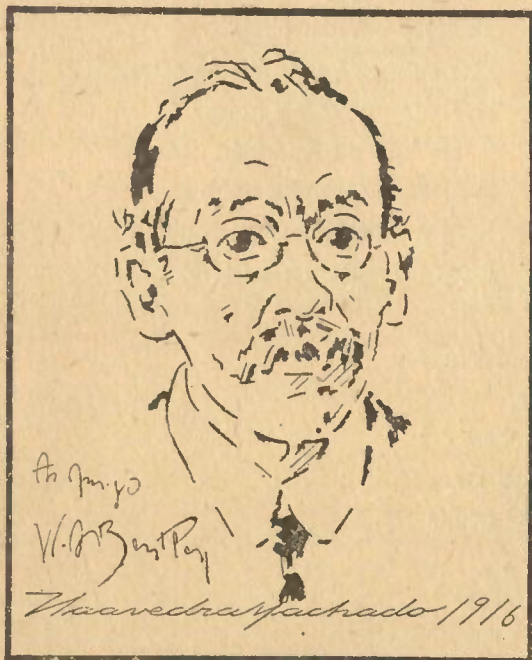
Sabidos os fins, que me levaram a escrever estas linhas, e que servem de introdução aos «Subsidios para a Historia da Arte Portuguesa Contemporanea», agradeço a Luis Chaves a sua cooperação. E' ella a única cousa que no trabalho ficará valendo. Pela minha parte, não pretendo com os meus estudos biographicos receber os aplausos de ninguem, nem do publico, nem dos artistas a quem são especialmente dedicados. Julguei simplesmente com este trabalho, como já disse, prestar um pequeno serviço á Arte do meu pais, e satisfazer uma das minhas necessidades espirituais. Porque de resto, publico e artistas são homens e eu prefiro quasi sempre ao seu convivio a solidão das charnecas aridas e desoladas...

J. SAAVEDRA MACHADO.

No proximo n.º principia esta secção com o estudo critico e biographico de MARTINHO DA FONSECA.

EXTRANGEIROS

:: AMIGOS DE PORTUGAL ::



MR. W. A. BENTLEY
Director da revista inglesa «Portugal»
(Des. de Saavedra Machado)



M. EMILE CARP
Grande industrial francês
(Des. de A. M. d'Oliveira)

Aldean

Tão linda e delicadinha,
 florindo o ar, onde passa,
 dos lírios da sua alvura,
 das rosas da sua graça...

Quando á tardinha ela segue,
 grave no modo risonho,
 enche de encanto a aldeia,
 doira a aldeia de sonho...

Só vestidinha de chita,
 de chaile airoso, em cabelo,
 é uma violeta! Que graça
 a sua trança em novelo!
 E assim vestida, assim linda,
 risonha assim á tardinha,
 tem um ar suave e estranho
 de princêsa pobresinha...

A candura do seu vulto
 orvalha o ar de frescura,
 — fonte num verde rosal
 a borbulhar viva e pura...
 Sorri, e na sua boca,
 que em botão um céo traduz,
 vão borboletas doiradas
 batendo as asas de luz...

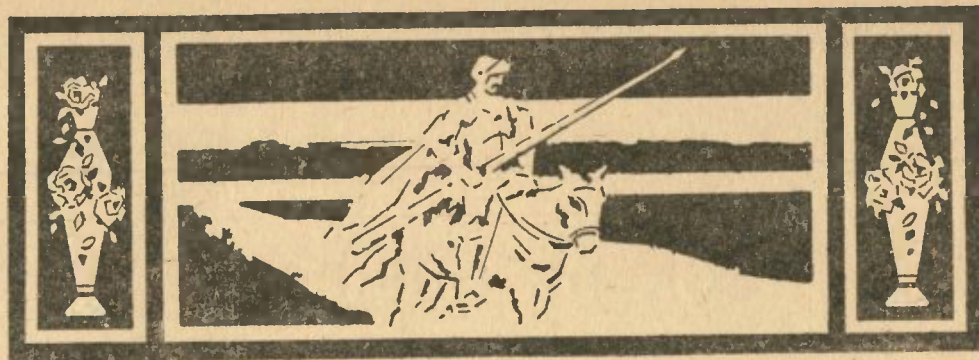
E linda e pobre, parece,
 quando ela passa entre as mais,
 — Entre essas que trajam sedas
 e ostentam finos rocaes... —
 que um luar divino a veste
 e as suas chitas singelas
 são um mante de açucenas,
 um manto feito de estrelas...

Tão portugêsa na graça,
 o seu encanto semeia
 rosas e lírios do val'
 pelas ruas da aldeia...
 Tudo a conhece e lhe fala:
 cada flôr e cada ninho...
 — Que esbelta! — dizem-lhe os choupos...
 — Como é linda! — o rosmaninho!

Um encantado crepúsculo
 anoitece em seu olhar...
 Vae-se este enchendo de estrelas...
 Nele ha pombas a noivar...
 E um luar de Aparição
 lhe jasmína o vulto etéreo...
 Para a alma ela é um sonho,
 e para a vista um mistério!

Poz-se o sol. — *Ave-Marias*...
 Saudosamente a voar,
 as irmans, (as andorinhas...)
 recolhem, como ela, ao lar...
 E quando ao longe se oculta
 seu vulto de claridade,
 quem a viu só então sente
 que o sol se poz... Que saudade!

: BERNARDO DE PASSOS :



(Desenho de Saavedra Machado)

A Estrada sem fim

(iluminura para D. Quixote)

Trouxeste a rosa e o lyrio do Sól-Posto
e os vasos imperiaes da Tarde viste,
mas inda vens mais cheio de desgosto
pelo eterno caminho infindo e triste.

Mostras sobre teus hombros descompôsto
o manto medieval que não resiste
á soberba realeza de teu rosto,
ao aprumo de tua lança em riste.

E á proporção que fôres de Toledo
a Sevilha, de Saragossa a Tassos
aumentará, no espaço, teu degredo

e o teu desejo, assim, será tão forte,
prisioneiro fatal dos proprios passos
que ainda caminharás além da morte . . .

Do *Livro do Amor*, a sair.

: RONALD DE CARVALHO :

POETAS E ESCRITORES NA INTIMIDADE

Eça de Queiroz revelado por uma ilustre senhora de sua familia e intimas relações, — a distinta escritora D. Conceição d'Eça de Mello

EÇA DE QUEIROZ

III

COMO já disse, Eça de Queiroz trabalhava sem se sentar á meza.

O que pela primeira vez lançava ao papel, era depois muitas vezes emendado, e até mesmo nas primeiras provas algumas vezes completamente refundido.

E' que no grande espirito do romancista havia uma verdadeira sêde de perfeição, e o seu ideal artistico era tão levantado que raras vezes o trabalho o attingia na primeira forma.

Depois da sua morte algures vi escripto não ter o mestre espontaneidade, e o seu trabalho moroso só com difficuldade produzir.

Que deploravel confusão!

Eça de Queiroz, compunha, creava com grande facilidade, mas, saida a estatua do bloco, o artista apaixonado pela fôrma, retocava-a até lhe sair das mãos perfeita. Era esse trabalho, ao qual chamarei complementar, que lhe levava tempo infinito, e tornava morosa a finalisação de qualquer obra. A fabulação de um conto, de um romance, essa creava-a completa um lampejo do seu génio. Quantas vezes, até a conversar isso acontecia! A sua palavra quente, colorida, fazia surgir ante os nossos olhos deslumbrados uma criação perfeita. Lembro-me ter-se dado um d'esses factos uma noute, em Neully. A conversa corria ligeira, borboleteando de um para outro assumpto, quando, não me lembra quem, acertou fallar na rua Auber.

— Nunca esqueço essa rua, disse Eça de Queiroz, levantando-se, — foi ahi que uma noute encontrei a morte

— ?!!

— Sim, respondeu promptamente ao nosso gesto iinterrogativo, e começou narrando como, voltando da Opera para a rua Auber, déra de

cara com uma mulher alta, esqueletica, envolta em umas roupas negras.

A historia éra simples e poderia resumir-se em poucas palavras; mas o romancista acordára, e muito naturalmente narrou-nos a aventura. Um interessante conto á Hoffman que nos teve suspensos dos seus labios e nos fez passar á flor da pelle o delicioso arrepio de terror.

Parece-me ser isto sobeja prova de que Eça de Queiroz não precisava de longo tempo para architectar uma situação, ou crear uma personalidade.

* * *

A respeito de Racine tem-se dito e escripto tudo quanto rasoavelmente se pode dizer e escrever, mas esse aturado estudo tem incidido mais sobre o homem do que sobre o escriptor.

As suas relações de amisade, os seus amôres, o valimento que teve com os grandes da sua época, os revezes soffridos n'esse valimento e amisades, em fim, tudo quanto pode tornar conhecido o homem e o seu tempo, tem sido estudado com escrupulo, analysado cuidadosamente e patenteado ao publico de forma que o conhecemos hoje como se comnosco tivesse vivido.

Isto em quanto ao homem, não acontecendo porem o mesmo se falamos do escriptor.

A sua obra ainda hoje é interpretada tão diversamente como quantos são os leitores.

Seria mesmo curioso compendiar as opiniões de todos os seus criticos, e tirar da reunião de todas essas analyses um largo estudo da obra do poeta.

Querem alguns que a obra de Racine seja o resultado da sua fé religiosa. Effectivamente, bem estudado o homem, cuidadosamente prescrutado o seu sentir religioso, essa opinião impõe-se.

Racine era jansenista, e o jansenismo cifra-se na lucta da vontade contra as paixões, sendo a primeira sempre vencida.

G. Larroumet, o escriptor que talvez melhor tem estudado a obra de Racine, é d'essa opinião, e alguns dos seus argumentos parecem-me concludentes:

O jansenismo, diz elle, tem o seu ponto de partida, no dogma do peccado original: A natureza humana viciada pela culpa dos nossos primeiros paes, é fundamentalmente má. Deus vindo ao mundo resgatou essa falta original, mas para que o homem se salve é preciso que a graça venha em auxilio da purificação do baptismo; mas a graça é difficil de obter, e Deus dá-a a quem quer, sendo o numero dos eleitos limitado.

Jansenius não admittia que o homem pudesse pela força da vontade vencer as suas paixões; d'ahi a negação do livre arbítrio.

As heroínas de Racine, mais humanas do que as de Corneille, todas são vencidas pelas paixões:

Oreste e Hermione não são maus, mas a paixão do amor leva-os ao assassinio, á loucura e ao suicidio. Nero é mau; a paixão torna-o feroz. Phedra lucta valentemente contra o amor que a assoberba, mas, falta-lhe a graça e succumbe.

A obra de Racine só agora começa a ser estudada, não digo no seu valor litterario, que esse de ha muito lhe era reconhecido, mas no seu valor documental, que por muito tempo lhe foi negado.

O grande poeta foi por muitos tomado apenas por um maravilhoso cantor do amor, uma especie de rouxinol, só bom a deliciar os ouvidos.

*

Eça de Queiroz fez parte de uma pleiade de talentos a quem as novas formas de litteratura deslumbrou.

Charles Baudelaire era o pontifece d'essa nova igreja litteraria, e os devotos eram todos espiritos de primeira plana a quem annos depois o estudo, o convivio, a sã apreciação dos factos e dos homens, tornou mais transigentes.

Charles Baudelaire era chamado o *poeta satânico*, e Eça de Queiroz ainda ha poucos annos nos *Ecoss de Pariz* dizia, referindo-se a essa epocha «... Nesse tempo todos nós eramos satânicos».

Os admiradores dos novos processos litterarios, punham de parte as antigas tragedias, não admittindo que pudesse haver belleza aonde não havia verdade. Uma scena violenta de amor ou odio, passada entre duas pessoas, que, por muito excitadas que se achassem não omitiam as regras cerimoniaes, e pareciam sempre receiar, amarrotar os punhos de renda, ou desmanchar os caracos da cabelleira, era cousa tão convencional que, aquelles jovens espiritos apaixonados pela verdade, pela arte na realidade da vida, recusavam-se a estudar os que os tinham precedido usando de outros processos.

Annos depois muitos arrepiaram caminho, não transigindo com as antigas fórmulas para seguil'as, mas concedendo admiração ao que era para admirar.

A respeito da antiga intransigencia, ouvi a Eça de Queiroz contar uma anecdota que tem aqui seu lugar e bem prova que para o verdadeiro talento não ha completa intransigencia:

«Tous les genres sont beaux
Or le genre ennuyeux.»

Eça de Queiroz desde muito novo fôra amigo de Carlos Mayer. Apreciava como conheedor o seu original talento, o seu espirito, e essa admiravel qualidade de bom conversador que Mayer possuia em alto grau.

Nunca Eça de Queiroz estava em Lisboa sem repetidas vezes visitar o amigo, e Carlos Mayer quando estava em Pariz raro dia deixava de ir a Neully.

Está decerto ainda na memoria de todos que bom actor foi Carlos Mayer.

A sua dicção era perfeita, e como a sua alta

intelligencia o fazia entrar completamente no espirito do auctor ouvi-lo ler um grande mestre era um verdadeiro prazer espiritual, pois nem uma intenção, por ligeiramente que fosse manifestada, nem sentimento por fugitivo que fosse lhe passava despercebido.

Um dia Eça de Queiroz dirigia-se a casa de Carlos Mayer, quando encontrou Ramalho Ortigão.

Seguiram os dois conversando, e quando chegaram a casa de Mayer iam falando de Racine e Corneille que ambos achavam *maniérés* sem paixão, e sobretudo sem verdade, nem sentimento.

— E' tudo o que ha de mais convencional, — diziam — já então no escriptorio de Mayer, que não concordando com essa maneira de ver foi buscar as obras de Racine e começou a ler uma das immortaes tragedias do grande poeta.

Como já disse, Mayer lia como pouca gente lê, e os dois ouvintes eram dignos do leitor.

Sob o encanto d'aquelles bellos versos declamados, como talvez nunca o tivessem sido, Ramalho e Eça de Queiroz já se não lembravam das suas theorias avançadas, e sem pensarem, sem o sentirem transportavam-se para aquelle mundo discripto pelo poeta, e tanto se

collocavam no ponto de vista d'elle que sentiam o que elle sentira, e quando Mayer fechou o livro os dois tinham os olhos marejados de lagrimas.

Estava feita a conquista.

D'ahi em diante, Eça de Queiroz que nas cousas litterarias como nas da vida de todos os dias, tinha até ao exagero, se exagero pode haver, o sentimento da probidade, começou a estudar conscienciosamente os dois grandes poetas do seculo de Luiz XIV.

Não mereceria contado este pequeno factio se elle não devesse ser, para aquelles que não conheceram Eça de Queiroz senão atravez da sua obra, a revelação do seu character intimo.

Nunca homem de letras foi tão sincero na sua maneira como o auctor das «Cidades e Serras.»

Se um livro, um artigo, uma poesia, o impressionavam, francamente o dizia, e se o auctor era um *novio*, um nome ainda ignorado do publico, elle procurava fazel-o conhecido, repetia o seu nome, dava-lhe emfim o apoio da sua incontestavel auctoridade.

— Se o talento de Eça de Queiroz era do mais alto quilate, o character era diamantino.

C. D'EÇA DE MELLO.



hora coroada de estrelas

Na concha azul — que um sonho ideal sugere —
 Lucilam as estrelas, como perolas.
 Filtra-se a paz das vagas cousas cêrulas
 Doce; bem doce, em alma onde ela impere.

Nem sempre a vida enleia, abraça e beija,
 Como uma terna amiga, que nos quere...
 A vida tem desdens, a vida fêre,
 E foge, esquiva, quando se deseja...

Assim pudesse esta hora constelada
 Eternizar-se em vida enamorada,
 Vida de sonho e extasiante alvor!

Sonhassem, ao luar, rochas dormentes;
 Sonhassem, pelo azul, astros fulgentes;
 Sonhassem almas, embalando a dor!

FOLK-LORE ALGARVIO

AS MOURAS ENCANTADAS

II — A MOURA ENCANTADA DE PORCHES

O *Cruzado* que escreveu a *Relação da Derrota Naval, Façanhas e Successos dos Cruzados que partiram do Escalda para a Terra Santa no ano de 1189* — referindo-se á tomada do Castelo de Silves no tempo de D. Sancho I, diz: «Os Castelos de que os cristãos se apoderaram depois da tomada de Silves, foram: Caphanabal, Lagus, Alvôr, *Porcimunt*, Munchite, Montagut, Cabvire, Mussine, Paderne». Todos tem traduzido o *Porcimunt*, como sendo Portimão; eu inclino-me a que se traduza como sendo Porches.

Naqueles tempos não havia em Portimão castelo algum, nem o terreno sobre que assentou esta vila tinha condições de combatividade, pois é sabido que as lutas belicosas daqueles tempos — como escreveu um escritor ha pouco falecido — se decidiam pela força do braço, e por isso escolhiam-se os pontos elevados e íngremes, de difícil accesso, para o levantamento de castelos, afim de auxiliar a defeza e prevenir surpresas. Nesse tempo sómente se falava nos castelos de Alvôr, de Estombar e no de Porches. Eram estes os tres castelos mais proximos e dependentes do de Silves.

Que castelo seria esse de Portimão, que na passagem das naus dos Cruzados, quando em auxilio de D. Sancho I passaram por Portimão, lhes não fez os devidos cumprimentos?! Que castelo esse que nem ao menos deu sinal de si quando os almogreves de D. Paio cavalgaram e partiram de Aljustrel, passaram a serra pelo norte de Ourique, aproximaram-se do célebre Abenabeci, castelo em Estombar, tomaram d'ele posse á força de armas, e nem ao menos tenta provar que não estava dormindo e sim acordado e vigilante!?

Do velho castelo de Porches ainda hoje restam vestigios. Proximo d'este castelo passa o ribeiro do *Olival*, sobre o qual os mouros construíram uma ponte, de que resta um pilar enegrecido pela acção do tempo.

Em certa noite um homem daqueles sitios passou junto do pilar e ouviu vozes de duas pessoas. Para se certificar escutou, e em breve distinguiu um homem de certa idade e uma jovem, ambos mouros. Facilmente os conheceu, pois havia pouco tempo tinham os mouros sido expulsos do Algarve. O homem prestou maior attenção aos dois vultos ali reunidos, pouco mais ou menos pelas horas da meia noite, segundo lhe pareceu nos seus calculos.

Em seguida ás palavras proferidas pela jovem moura, e que o homem não percebera, disse o mouro, mui distintamente:

— Aqui ficarás encantada até que este mato, que aqui vês, seja roçado e substituído por uma plantação de orégãos; substituídos estes pela vinha, e esta já em estado de não dar fructo, por ser velha, tornarás ao aduar de teus paes, a patria querida dos nossos maiores.

Enquanto o mouro proferia estas palavras apertou junto do coração a filha que soluçava. E tudo desapareceu neste momento.

Ficou o homem dolorosamente impressionado

com aquella scena. Afastou-se temeroso do sitio; no dia seguinte contou a varias pessoas tudo o que ouviu e o que podéra presenciar.

Passava em certo dia por aquele sitio uma pobre mulher com uma alcofinha, pedindo esmola, viu junto do referido pilar uma esteira com figos ao sol. Ficou ela surpreendida, não só porque naquela epoca não havia figos nas figueiras, mas naquele sitio nem figueiras havia. Para se certificar aproximou-se da esteira e tirou um punhado de figos que guardou na alcôfa. Mais adiante abriu a alcôfa e então foi maior a sua surpresa: em vez dos figos encontrou-se com valiosas moedas de ouro puro. Arrependida de não ter tirado mais figos voltou atrás, mas já não encontrou a esteira. Em breve se espalhou este successo e todos então se convenceram de que fóra verdade o que o homem em tempo referira com relação ao encantamento.

Eu creio que não está muito longe a scena final deste encantamento, pois bem velha se encontra a vinha que ali fóra plantada.

* * *

Embora a lenda da moura encantada de Porches seja pobre de incidentes, relatei-a para ter occasião de me referir a um assunto da mais alta importancia. Referem os poetas gregos e romanos que Saturno e Titan, dois irmãos, não querendo filhos machos que na sua velhice lhes discutissem direitos, tinham combinado ceder Titan o seu direito de primogenitura a favor de Saturno, com a combinação d'este mandar matar todos os seus filhos machos á proporção que fossem nascendo; e com esta combinação esperava Titan resalvar os direitos dos seus proprios filhos, os gigantes Titans. Succedeu, porém, que Rhea, mulher de Saturno, pôde salvar da morte o seu filho Jupiter, substituindo-o por uma pedra, e dando-o a criar aos Curetes, o que, sendo sabido por Titan, immediatamente expulsou do céu a Saturno e fel-o seu prisioneiro. Informado Jupiter d'este caso, libertou seu pae e tornou a collocar-o no céu. Seguiu-se uma enorme guerra, pois que os gigantes Titans, filhos do irmão de Saturno, trataram de escalar o céu, collocando cerros sobre cerros. Ao tempo já Jupiter se senhoreava do raio com o qual soterrou sob os cerros os seus primos Titans. E' isto o que nos contam os poetas gregos e latinos ou romanos da mais classica antiguidade. Contam os mesmos poetas que esta luta se dera no ponto mais elevado dos bosques do Tartasso, pois fóra d'ali que os gigantes tinham planeado subir ao céu, para de lá escalar o tio Saturno.

E onde se achavam situados aqueles bosques? Responda Fr. Vicente Salgado nas suas *Memorias Ecclesiasticas do Reino do Algarve*: — «os bosques de Tartasso achavam-se situados nas costas maritimas do Algarve, entre Vila Real de Santo Antonio e Sagres».

E como no dizer dos poetas a luta dera-se no ponto mais elevado dos bosques de Tartasso, vejamos onde o mapa do Algarve coloca esse ponto. E' claro, coloca este ponto na freguezia de Porches, ao lado da Ermida de N. Senhora da Rocha. De onde de-

vemos concluir que ainda Lagôa nem ao menos era um centro povoado, mas apenas um deposito de agua nociva, como todas as lagôas, inclusivamente a de Cerna, e já os habitantes de Porches assistiam impávidos e destimidos, no mais alto ponto dos bosques de Tartasso, a essa luta gigantesca, desenhada pelos poetas, entre o deus pagão e os gigantes Titans.

Ora em harmonia com o que escreveram os poetas estão as chamadas tradições dos filhos da velha vila de Porches.

* * *

Diz a lenda que nos primitivos tempos a freguesia de Porches sómente produzia o pinhão, e por isso nos anos em que o pinhão abundava o habitante de Porches era altivo e insubmisso. Em um desses anos foi um filho de Porches até Lisboa, de onde voltou três dias depois. Chegado a Porches desconheceu a sua terra natal. Bateu a uma porta e exclamou:

— Olá, olá, aqui é que é Porches? Ha por aqui um bocado de mão de vaca ou de carne assada.

Foi logo aberta a porta e appareceu uma velhinha que exclamou:

— Pois não me conheces, nem a casa? não sabes que sou a tua mãe? e que d'aqui te ausentaste não ha oito dias?

Então o sujeito, julgando-se ofendido na sua pro-sápia, formalizou-se e respondeu: — Se quer alguma coisa de mim deite a casaca fora.

Sempre altivos os filhos de Porches não permittem que as freguesias vizinhas se julguem superiores. Nos proprios dias festivos e nas suas cantigas dos bailes campestres elles dizem com certa arrogancia:

«Já Pera não vale nada,
Alcantarilha um vintem,
Porches uns cem mil cruzados
P'las boas môças que tem.»

Até na beleza das môças se julgam muito superiores.

Diz ainda a tradição que Porches, na tranzição da pedra lascada para a polida tinha duas maneiras de responder aos que lhe perguntavam pela terra da sua naturalidade. Se era no inverno e o vento soprava agreste e de travessia, era sua resposta a seguinte: — Sou natural de Porches de Jesus Christo — e abatiam a sua frente. Se era de verão, os pinheiros floriam e a natureza aparentava força e vigor; então erguiam a frente e respondiam: — Sou de Porches, se quer de mim alguma cousa deite a casaca fóra. E punham-se a lutar contra o vento.

Desse tempo até hoje tem-se Porches erguido ou abatido consoante as circumstancias o teem permitido. Basta que se diga que Lagôa subiu na esfera social principalmente por occasião do tremôr de terra de 1755. Diz a carta recebida da Torre do Tombo em relação áquele tremôr o seguinte:

«Tem Porches um castello na rocha do mar em uma ponta metida no mar 160 passos, que pelo tremôr de 1755 padeceu grande ruina, em os muros, armazem, quartéis de soldados e na capela da Senhora da Rocha, mas hoje (1758) se acha esta já reparada, menos alguns pedaços dos muros e tambem tres casas dos soldados, que ainda se acham caidas.

«Grande ruina teve esta freguesia no dito terramoto, não só em casas, pois cairam 238, mas tambem na Igreja, que ficou destelhada, com aberturas, e caída por terra muita porta, e na Ermida de S. Sebastião que quasi sofre o mesmo estrago; ao presente porém só falta por reparar a dita Ermida e das casas só se acham sem reparar 42».

Se entendessemos necessario transcrever o foral de Porches, concedido por D. Diniz, teriamos occasião de virificar que quasi toda a actual freguesia de Lagôa foi pertença de Porches, que para Lagôa passou por virtude do direito do mais forte.

ATAIDE OLIVEIRA.



PROVERBIOS

I

Palavras fóra da bôca,
São pedras fóra da mão . . .
Palavras leva-as o vento,
As pedras caêm no chão!

II

Aventura aos que a procuram . . .
E ao procurar-te, creança,
Trouxe comigo a tristeza,
Deixei contigo a esperança!

III

Pela bôca morre o peixe . . .
Pense bem toda a pessoa:
— Muita vez não é o gesto,
Mas o falar que atraçôa!

IV

Grande nau, grande tormenta . . .
E é bem certo este rifão:
— Quanto mais belo é o sonho
Mais triste a desilusão!

V

Quem canta seu mal espanta,
E eu puz-me a cantar um dia . . .
Foram-se as minhas tristezas,
Mas não voltou a alegria!

: JOSÉ REBELO :

:: BARBAS E BIGODES ::



ALBUQUERQUE — O «TERRIBIL»
PARA
GUILHERME — O «FANFARRÃO»:

— Embora fiques irritado, sempre te direi, Guilherme,
que nunca os teus bigodes se poderão medir
com as minhas barbas.

(DES. DE SAAVEDRA MACHADO)

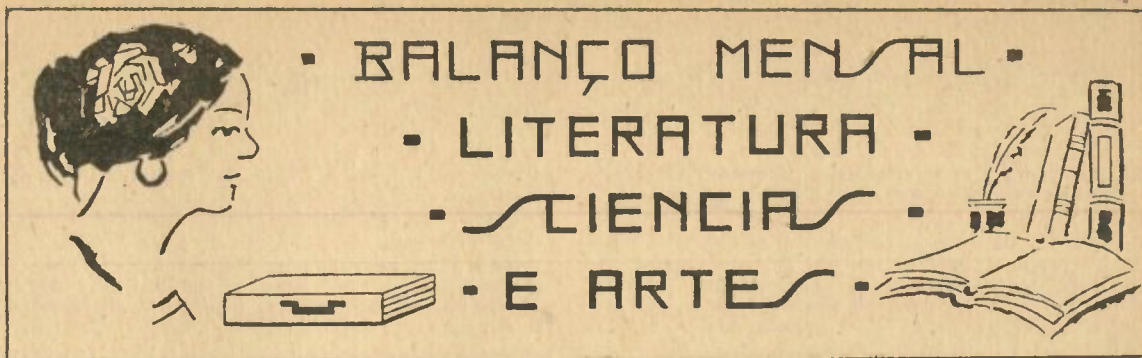
BARBAS E RIGODES



BARBAS E RIGODES
BARBAS E RIGODES
BARBAS E RIGODES

BARBAS E RIGODES
BARBAS E RIGODES
BARBAS E RIGODES

BARBAS E RIGODES
BARBAS E RIGODES
BARBAS E RIGODES



(Desenho de Saavedra Machado)

Cronica do mês

POR MATEUS MORENO

DENTRE a irregular paisagem de acontecimentos que a sequencia dos meses contemporâneos costuma constituir entre nós, talvez iluminado pelos brancos que a «censura preventiva» deixa diariamente nos jornais, este abril trouxe-nos, com o acordar dos seus rebentos, alguma coisa digna de uma referencia «particular». Pelo que vale e pelo muito de importante que nos veio dizer, merece as nossas primeiras palavras o illustre poeta brasileiro sr. Olavo Bilac.

O venerado cantor desse Outro-Portugal d'Além-Atlantico, vindo até cá, no transe mais efervescente da nossa attitude perante o pavoroso conflito que a todos exacerba, não veio só trazer-nos uma saudação amiga dessa pátria d'Além-Mar, que ha de ser eternamente nossa pelos laços de coração, veio, sobretudo,



OLAVO BILAC



GUERRA JUNQUEIRO

entornar em nossa alma todo um verdadeiro cantico de novas crenças e de novos heroísmos. Na sua voz, na divagação entusiastica da sua alma, atravez da nossa historia, na sua maneira de dizer, fluente e cristalina, como um ribeiro a trasbordar da mais pura linfa, e onde o poeta e o conferente, o escritôr e o erudito se enalteceram ainda mais para formar o patriota, sentiu-se arder ainda, em todo um sonho de rubras labaredas, a coragem gloriosa daqueles peitos lusus que afrontando o mar tenebroso ousaram um dia trazer-nos flores de umas praias lá muito longe . . .

E um lindo bouquet das mais preciosas flores, foi o que o Brazil nos mandou tambem agora, neste mês das flores, dentro da alma engrandecida do seu maior Poeta.

Guerra Junqueiro, águia do pensamento lusitano e sintese de toda uma patria que quer viver ainda e

que quer lutar tambem pelo direito das gentes, beijando-o na frente, entre os gritos aclamadores de todos os portuguezes, nobremente simbolisou, por isso, beijar o Brazil no coração.

Acaba de sair do atelier de Costa Motta o busto do benemerito escritor algarvio, Dr. Ataíde Oliveira, que vae ser oferecido á Sociedade Amigos do Algarve e que é um dos mais brilhantes trabalhos do sr. Rual Xavier.

Esta homenagem da «Alma Nova», grande bastante para ser falada com entusiasmo entre todos os algarvios, não é apenas uma iniciativa sugerida de qualquer lembrança eventual, levada a efeito por alguns bons admiradores do saudoso *vencido*, ela é, sobretudo, todo o acordar dos rasgados planos de elevação e progresso, de patriotismo e brios em que foi gisado o programa da Sociedade Amigos do Algarve.

Propagar todas as belezas dessa

região paradisíaca, defender os seus interesses, fomentar, enfim, todos os seus progressos materiais e intellectuais, — não podia ser, a missão unica da benemerita sociedade; representante duma pleiade de individualidades que se destacam pelas suas funções e pelo seu prestigio moral e intellectual, cumpre-lhe, sobretudo, saber admirar e fazer admiradas todas as figuras e obras algarvias cujo nome tenha em nossos peitos um altar a que possamos, cheios de fé e cheios de gloria, resar engrandecidamente.

É assim que a «Alma Nova» hoje se sente feliz por poder assinalar, numa homenagem singela mas entusiastica, todo o seu preito de verdadeira admiração pelo escritor benemerito, pelo patriota fervoroso e pelo cooperador incansavel de todos os nossos projectos.

No proximo n.º daremos a reproducção do busto.



RONALD DE CARVALHO

Um dos maiores Poetas Novos dessa patria-irmã d'Além-Atlantico, de que Olavo Bilac nos trouxe tão belos sonhos de estreitamento, veio tambem deliciar-nos neste mês com a sua colaboração. E' o sr. Ronald de Carvalho.

Autor de um livro precioso, onde cada uma das suas poesias é uma verdadeira grinalda de Sól a engalanar a Vida, se o maravilhoso soneto — *A Estrada sem fim* — que noutro lugar publicamos, primorosamente illustrado por Saavedra e na companhia amiga de um dos nossos mais apreciados liricos contemporâneos, o algarvio Bernardo de Passos, se esse soneto apenas não fôra acaso o bastante para justificar o nosso regosijo e a nossa admiração pelo poeta, *Luz Gloriosa* — com «Os Sonetos da Vida», «Os Sonetos Preciosos», «Os Sonetos do Sangue», e tantas inconfundiveis joias que o luxuosissimo volume aqui presente nos oferece, bastaria para legitimação do nosso mais vivo entusiasmo.

«Velha galéra... ao Mar... reteza teus cordames,
cada véla é uma estrofe onde o vento soluça...
Moilha a carena e zarpa... a indulgencia aos lafames...
tua audacia hade ser uma gloria inco-casna...»

Sonha minas de luz... evoca aureos enxames
de thosouros senfim... aceita a escarameça
dos arceofes mãos... e entre as ondas acclames
o ouro flavo do Sól que, entre os longes, se lmbuça...

Reginge o temporal no Silencio das agoas,
esmechando caihãos... estilhaçando mastros...
Corre sobre os parçels... afôga as taas maguas...

Has de chegar ao termo... é breve a estrada... avança...
— E, embora fôa-e longa... e subl-se entre os astros
tinhas, velha galéra, o infinito... a esperança...»

E' um desses gloriosos hossanas de que está esmaltado todo esse maravilhoso Poema, o presente soneto, a que o autor deu o impressivo titulo de «Soneto Verde».

Poeta forte, insaciavel, cheio da luz gloriosa do talento, Ronald de Carvalho, honrando as letras modernas do Brazil, é bem a expressão colorida e arrebatadora do Poeta dos nossos dias.

Encerramos, porém, este mês, com duas notas de tristeza: — a morte da querida avósinha do nosso companheiro A. Bustorff e o suicidio, em Paris, do malogrado moço poeta Mario de Sa-Carneiro.

MATEUS MORENO.



Balanço literario

POR A. BUSTORFF

ABRIL. Vem do latim: de um tal verbo *aperire* que significa *abrir*, — no dizêr resumido e confuso de um velho lexicon pergaminhoso, que está tomando eruditamente espaço aqui sobre esta mesa de — descanço.

Em abril tudo se abre: abrem o peito, em gorgeados trilos, os verdilhões namoradoêres; espream, ao Sól, as sementes que no outono homens ou vento pelo solo lançaram; escancára a Terra, — Mãe-Generosa,

— seu ventre farto e fecundo para receber o encargo de novas creações em paga daquelas que neste mês terminam.

Abril é o mais digno mês do aro. E' aquele semeador membrudo e joven que espalha cantando as niesses aloiradas; é aquele outro dançarino masculino, meio nú, formas de éfébo donairoso, tez coroadada de mirtos, que Ausóne nos representa dançando e pulando ao compasso das cítaras; é ainda o mês dos passeios ao campo, das jantaradas burguezas sôb os olivêdos, dos desgárres no regresso; do muito chôro nas igrejas, quando o prégadoêr recorda e carrega os tormentos do Cristo, e da muita alegria em familia, nas bambochatas *haut ton*, quando o primeiro champagne escuma, homenageando a Aléluia, e os ultimos dentes estalam na bôca de pandegos velhos, pelas traições desvergonhadas de empedernidas amendoas.

E' pois um mês completo, — este mês de abril. Mês de tristezas logo compensadas por maiores alegrias, — *en avril s'il tonne, c'est nouvelle bonne*. Ora como este mês trovejou, ou devia ter trovejado para melhor arrimo desta cronica, — passemos sem mais delongas a dar ao leitor as novas boas (e más) do nosso «balanço literario», sem lhes apensarmos, como é da práxe, um bilhete de «felizes festas», porque elas já são passadas e além de tudo o mais dispensâmos sem grande custo a magra gorgêta a recebêr.

O Algarve é a terra dos poetas. Quer faça ou não faça versos, todo o algarvio tem dentro de si umas esquirolas de costela que pertenceu a João de Deus. Em todas as gerações apparece um poeta novo. Este mês vieram ao nosso encontro dois: um que me dizem ser novissimo; outro que, pelo retrato, eu reputo já maior e vacinado. Refiro-me aos senhores José Dias Sancho e Jeronimo Buisel.

Podemos considerar como uma estreia prometedora as *Canções d'amor* do primeiro d'estes senhores. Poemas dum espirito moço, mas que já maneja o verso com requintes de velho conhecedôr, tem todos um caracterisado sentimentalismo, por vezes belo e comovente, que não fica mal na alma de um filho da moirisca Al-Garbh. Por vezes antagonicos, ora traduzindo uma energia de todo louvavel em quem ainda nem completou os 20 anos, ora evadidos dum pessimismo que só cabe harmonicamente nas almas já provadas (Vide 2.^a quadra do soneto da pag. 24, e a pag. 10 todos os versos nela contidos), os versos de José Dias Sancho são, contudo, dignos de uma leitura minuciosa e interessada, e mais, dum registo com louvôr. Duas canções se destacam de todos os poemas das *Canções d'Amôr*, — as de pag. 14 e 70, que a par da sua beleza natural tem a qualidade de estarem mais conformes com os modernos moldes literários. A carencia de um excessivo sabôr ás liricas do Gonzaga e de João de Deus, fazem com que as separemos de todo o restante livro para as relermos e gabarmos.

Enquanto prêso por motivos politicos, na cadeia do Limeiro, o senhor Jeronimo Negrão Buisel compôs o seu livro de poemas «*A' Sombra*». Num me-diocre prefacio, o dr. Coelho de Carvalho diz-nos que os poemas de *A' Sombra* «são poesia de quem espera ir-se embora de algures». Como legitimação da obra basta-nos este asserto de quem a prefacia. Quanto ao seu auctor fica-nos a impressão de que é um espirito inteligente, com um certo poder de ritmar emoções, um tanto ou quanto simbolista, e elo-giavel sem reбуço no seu pequeno poema «O Per-rexil».

Na nossa ullima cronica prometêramos falar da te-se da Ex.^{ma} Senhora D. Ana de Castro Osório, delegada da Camara Municipal de Cuba ao Congresso Municipalista de Evora, sobre a *Mulher na Agricultura, nas Industrias Regionaes e na Administração Municipal*. E' um pequeno folheto que rápida e interessadamente se lê e onde muito se aprende. Orientado por um consciencioso espirito de reivindicação, bem meditado e bem escrito o trabalho que acabamos de percorrer radica-nos com maior fundamento a admiração que de ha muito votamos a esta culta senhora.

F. Palyart Pinto Ferreira, distincto educador e um dos mais conceituados professores da Casa Pia de Lisboa, estuda num pequeno trabalho, — que os desenhos de Saavedra Machado, Eduardo Romero e Raul Xavier iluminam, — as Industrias e Artes Infantís naquelle instituto de caridade. E' uma completa obra de análise e observação, e um testemunho clarissimo do alto talento daquêle que a assina. Lêmo-la com um prazer crescente e não finalisamos a leitura sem que a nós mesmo prometêssemos repetir.

De Julião Quintinha, — um novo que entre os jornalistas do Algarve tem já um lugar marcado, recebemos: «*A Solução Monarquica*» do senhor Alfredo Pimenta e *Assistencia á Mendicidade*.

Escrito com um desassombro que sabe bem a quem o lê, no primeiro dos folhetos o senhor Julião Quintinha tenta destruir toda a argumentação estendalísada pelo jornalista Pimenta naquelle seu conhecido trabalho. Delicadamente, Julião Quintinha diz o que pensa e porque assim pensa. Pela nossa parte folgaríamos de terçar armas com Julião Quintinha, — apesár de concórdes na orientação política que defende, — aclarando com o concurso da nossa minguada bagagem de conhecimentos politicos aquele principio inglez que, politicamente encarado, é legitimo e é necessário nas monarchias constitucionaes, e se resume em dizer, com uma clareza de síntese que é só de ingleses: *the King can do no wrong*: O rei não pode errar, não pode fazer mal. E como, se o ministerio é dos parlamentos que sae, se nele reside o poder executivo, e, afinal, ao chefe do Estado não fica mais que um mero poder dirigente, de homem de leme, de simples orientador e nada mais? Ora onde não ha autoridade é impossivel a responsabilidade.

E já que falámos de ingleses citemos aqui o nome de W. A. Bentley, cuja «mascara» a *Alma Nova* hoje arquiva como testemunho de gratidão por quem defende Portugal, — alma delicada de poeta, amigo inconfundível do nosso país e director dessa revista que é única no género, nas intenções e na dedicação, — a revista ingleza *Portugal*, — irmã com cuja amizade nos honrâmos, porque é digna, é altruista e é grande.

A. BUSTORFF.

No próximo numero falaremos das *Notas de Estudo*, pelo senhor Moreira Telles, vol. de 200 pag., edição do A.; das *Grilhetas*, por Albino Forjaz de Sampaio, vol. de 300 pag. — Santos e Vieira, editora, e duma brilhante revista alentejana, — *Terra Nossa*, — a aparecer.

Em aditamento ao inteligente *balanço* do illustre critico literário cá da casa, sr. A. Bustorff, queremos tambem referir-nos a um valioso trabalho ha meses

aqui recebido e que é o primeiro volume de uma importante obra em publicação, de que é auctor o sr. Francisco Luiz Pereira de Sousa. Intitula-se *O megalismo do 1.º de Dezembro de 1755 em Portugal. Distrito de Faro*.

A par do seu alto valor para o homem de sciencia ou simples estudiosos, o volume presente é digno do maior interesse, pela larga documentação historica que insere, colhida pelo auctor em porfiadas e pacientes investigações nos arquivos da Torre do Tombo; nele se encontram as mais impressionantes e tragicas narrações dos efeitos que o horrivel fenomeno produziu no Algarve, — sendo para os algarvios, este volume, de particular interesse. A obra é acompanhada de varias cartas a côres, duas das quais antigas e existentes na Biblioteca Nacional. Muito interessante tambem um estudo demografico do Algarve (1758-1911), por onde se vê o desenvolvimento que tomou e onde mais se acumulou a onda humana. E', emfim, um trabalho de fôlego, um *livro de aprender*, firmado por um professor, homem de sciencia duma probidade invulgar, possuindo o *fôgo sagrado* das sciencias geologicas, ácerca das quais tem publicado muitos trabalhos, já em Portugal, já no estrangeiro.

Muitos agradecimentos, pois, ao sr. Pereira de Sousa, por tão agradável oferta.

A. M.



Os teatros

POR SACADURA CABRAL

A chronica do mez que passou: *Um grande successo dramatico no Republica*. — *Uma representação que marca um triunfo na scena portuguesa*. — «*O Sr. Roubado*» de Chagas Roquete. — *Uma companhia que vai para o Brazil*. — *A zarzuela d'ontem e a zarzuela d'hoje*.

A nova peça de Eduardo Shwalback, representada com grande successo no Republica, foi mais uma brilhante e inequivoca demonstração do seu belo talento de comediografo, e a prova eloquente de que n'aquella casa d'espectaculos se cultiva com verdadeiro amor a difícil e complicada arte de bem representar.

O novo trabalho do illustre escritôr é uma deliciosa obra de teatro, a que não falta nenhum dos requisitos indispensaveis para um agrado certissimo como o que obteve.

A interpretação rigorosa e exáta do pensamento do autôr, nos varios aspétoes e detalhes por que ele pode exteriorizar-se e viver sobre as taboas d'um palco, foi justamente compreendida e realizada, n'um admiravel reforço de equilibrio e de harmonia, partido de todas as vontades e de todas as intelligencias concorrentes.

Uma encenação soberba e esmerada dos tipos, uma encenação conveniente e adequada, um scenario esplendido e curioso que sobresaí pela originalidade feliz, conjugado tudo isto n'uma fabulação cheia de interesse e de relêvo literario, fêz com que a prosa encantadora de Eduardo Shwalback vivêsse n'uma bela moldura d'arte que mais lhe fez realçar ainda o brilho e o colorido natural das imagens na tela formosissima do seu estilo.

A naturalidade e sequencia da ação, o seu fio de logica, conduzindo-a de scena para scena, n'um crescendo da interesse e de intensidade dramatica, o primôr da frase, a riqueza de conceitos, e a verdade d'aquelle meio fielmente retratado com uma observação exata de sentimentos e caratêres, a par d'uma execução tecnica irrepreensivel, tudo no «Poema d'amôr» é primorosamente reunido e arquitétado.

A sua interpretação resultou por isso mesmo a melhor que temos visto no Republica: na protagonista, Luz Veloso, que alem doutros papeis de responsabilidade que lhe têm sido confiados soube representar este ainda melhor: sobre todos, porém, o trabalho d'Augusto Roza foi um assombro de melitiosidade e perfeição.

O pormenor dentro da frase, o detalhe nas atitudes, a minucia nos gestos, a compostura elegante e distincta, as modalidades varias da sua mascara plastica traduzindo em rictus dolorosos d'amargura estados d'alma especiais e diversos, mereceram do grande ator, na composição da figura, um aturado estudo e uma cuidadosa análise psicologica que fazem do seu papel uma autentica e vera criação artistica.

Não se pode ser nem mais verdadeiro nem mais perfeito: N'aquelle trabalho está posta uma alma e uma intelligencia, sentindo e pensando humanamente, com dores e pensamentos claros, viziveis, d'uma realidade pasmosa: dir-se-hia que o artista vivêra aquella tragedia, — tal a impressão funda e punjente que consegue transmitir-nos.

Ele foi por isso mais um colossal triunfo do seu grande talento de comediante que animou a bellissima peça de Eduardo Shwalback com a beleza e perfeição do seu creador, n'uma extraordinaria consumação d'arte, deslumbradora e viva!

Chagas Roquete, que já na presente epoca vira representada uma sua peça no nosso teatro Nacional, levou á scena, no Ginasio, um outro original que foi acolhido pelo publico com o mesmo agrado da sua anterior produção.

Entre uma e outra porém, o merecimento da ultima é incontestavelmente superior. Esta poderia até certo ponto constituir uma verdadeira comedia regular, como a vida moderna é suscetivel de a gerar. As suas personagens sam mais reais, mais verosimeis, mais sinceras, e até o fim da peça — a critica a uma boa parte dos nossos costumes, — é mais perfeitamente realizado.

Pelo menos conseguiu fazer caricatura no «Sr. Roubado», sem cair no desconchavo ou no borrão com que pretendeu na «D. Perpetua que Deus haja» ridicularizar os poetas futuristas n'uma «charge» infeliz e deslocada.

O seu espirito, se bem que engraçado, é contudo por vezes artificial e estudado: a historia do Moita Carrasco é um episodio que o demonstra claramente. Não pode porém negar-se que o «Sr. Roubado» deixe de realizar este duplo fim essencial: fazer passar o tempo distraidamente e rir sem custo. O seu desempenho foi magnifico: Maria Matos, Mendonça de Carvalho, José d'Almeida e Cardozo todos excellentemente. Dos novos salientando-se cada vez mais Celeste Leitão, graciosissima e gentil figurinha de Saxe, leve como um Wateau e delicada como um Boucher, d'uma graça ingenua e encantadora; Joaquim d'Almeida, bem n'um tipo que fez sem exageros ou inconveniencias, e Julio Candeira, que nos deu a impressão d'uma caricatura de Roque Gammeiro na illustração d'uma obra conhecida de Gervasio Lobato.

Rimos e aplaudimos, e que saibamos outra coisa tambem não tem feito o publico, de ha sessenta e tantas noites a esta parte...

Adelina Abranches, — essa esquisita flôr de nervos e de requintada sensibilidade artistica que ha muito se habituou a um clima e um céu diferentes do nosso, embora irmãos, — Adelina Abranches e a sua companhia, onde ha uma familia pelos laços do sangue, e outra pelos laços da amizade que prende tão fortemente como os mais solidos laços de parentesco, tem dado entre nós uma série de recitas, no Avenida, para apresentação do seu elenco e do repertorio que leva ás terras de Vera Cruz.

Aura, a mais linda atriz de Portugal, e que ainda ha pouco alcançou entre nós um ruidoso successo com a sua irrequieta mocidade e estouvada alegria, n'uma «garota» mal escrita, mas deliciosamente representada, continua a afirmar-se um temperamento raro de artista, cada vez mais delicado, dizendo a primôr e enchendo a scena com a esbeltês ductil da sua figura talhada esculturalmente na beleza helênica da forma em que ha contudo a doçura e a suavidade verdadeiramente lusas de uma voz que canta harmonias no seu ritmo e de uns lindos olhos negros e macios como veludo.

Com seu irmão e sua mãe, esta trindade teatral constitui uma verdadeira embaixada artistica ás terras d'além-oceano; e é assim que, de futuro, na geografia economica do país, teremos de ensinar aos nossos filhos a inclui-la no numero dos nossos melhores produtos d'exportação para o Brazil...

A zarzuela é uma especie teatral de tão largo consumo na nação vizinha, como a revista entre nós. Ao nosso publico tambem não desagrada, quando a companhia tenha um bom comico, tiples graciosas e de boa voz, e sobretudo muitas caras lindas. Hei de lembrar-me sempre com saudade das companhias de zarzuela que quando eu era mais moço, vinham todos os anos ao D. Amelia.

Pilar Marti, foi a encantadora hespanhola que maior popularidade alcançou em Lisboa: recordo-me até de certa personagem coroada, que preferia aos serões da côrte passar ali as noites, do fundo do seu camarote espreitando aquella linda colêção de mulheres formosas, como mais nenhuma, assim, depois veio a Portugal. A zarzuela no Politeama tem contudo ainda os seus frequentadores: sam muitos que, como eu, admiram aquella gente que no seu ruido caracteristico traduz toda a alegria e desejo de viver, e gostam da sua graça revolta, dos seus baia-dos, das suas castanholas e do perfume a verbena dos seus labios preciosos como duas enfiadas de coral..

SACADURA CABRAL.



NOTAS

Justificando o nosso maior regosijo por tão valiosa companhia, noticiamos hoje a entrada de SACADURA CABRAL para Secretário da nossa Redacção.

Tambem nos regosijamos com a vinda de novos colaboradores, entre os quaes os illustres e admirados pintores: Carlos de Bonvalot, Alves Cardoso, David de Mello e Navarro da Costa, (apreciadissimo artista brasileiro de que falaremos no próximo numero); os illustres escultores: Costa Mota tio e sobrinho e o distincto poeta indiano Dr. Paulino Dias.

Livraria das Novidades

DE
ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Rua da Marinhã, 15 — FARO

**Livraria, Papelaria, Loterias, Tabacos
nacionais e estrangeiros**

Neste estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas. Recebem-se diariamente todas as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

Grande sortimento em BILHETES POSTAIS

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras. Descontos aos revendedores e estudantes. Encadernações a preços módicos.

Agente das principaes casas de LISBOA

Depositarario da ALMA NOVA

SEMENTES

Hortalicas,
flores,
arvoredo,
cereais,
pastos,
etc.

Pedidos a
Alfredo Carneiro de
Vasconcellos
& Filhos

105, Rua de S. João, 111 — PORTO



Fabrica Industrial 1.º de Maio

SERRALHARIA MECÂNICA E CIVIL

FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE



MANUEL CARVALHO

— RUA INFANTE D. HENRIQUE, 186 — FARO

Construcção de Poços Artesianos. — Vendem-se materiaes para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis. Constróem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior tigeireza, solidez e perfeição. Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar mitho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas. Ninguem deixe de comprar n'esta casa, visto que em parte alguma do país se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

Preços sem competencia ☼ Ninguem compre sem visitar esta importante fabrica

TEATROS:

Coliseu: Companhia de verão: a grande celebridade artistica Alba Tiberio, sem contestação a melhor artista que no genero nos tem visitado; Castetani, com os seus prodigiosos exercicios de força, em que se tornou afamado: the Pantos, the Spring, etc., etc. — são as grandes atracções e novidades desta companhia excelente que ao Coliseu tem chamado farta concorrência.

Trindade: Ainda e sempre o grande sucesso de toda a temporada, que não sairá tão cedo do cartaz, a revista «Dia de Juizo» soberba criação do ator Gomes, ampliada agora com o quadro novo de grande efeito e intensidade dramática «Avé Portugal». A melhor revista de todos os tempos.

Ginasio: «O pae do regimento». A mais divertida comédia.

Eden-Teatro: O famoso «31» atualizado e cheio de novos atrátivos.

Avenida: Companhia Adelina e Aura Abranches: a linda comédia «O gaiato de Lisboa».

Salão Fóz: O melhor salão de Variedades de Lisboa. As melhores distrações sam os espetaculos neste lindo e comodo salão.

CINEMATOGRAFOS:

Olimpia: A famosa fita «Os Misterios de Nova York». Maravilhosos concertos.

Ciné-Condes — O mais atraente animatografo; as melhores fitas; muzica deliciosa.

Trindade: Concertos todas as noites. Fitas de grande melragem.

Chiado Terrasse: Lindas fitas e concertos.

Chantecler: Fitas faladas.

TONICO ALPINO

(CAPILAR) REGISTADO

Sem drogas quimicas, o melhor; o melhor e mais activo dos tonicos até hoje conhecidos.

Aos descrentes: já cançados de experiencias com diversas drogas, mas sem resultado, devem fazer mais um esforço, usando o incomparavel

TONICO ALPINO

É, pois, a descoberta mais feliz contra a caspa e calvice, já usado e recomendado por distintos medicos do país.

A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS

DEPOSITO GERAL:

6, Rua do Loreto, 6 — Lisboa

A. Ribeiro Cardoso

DEPOSITARIOS: PORTO - Carlos Camanho.

ILHA S. MIGUEL - Botelho & Vieira, farmaceuticos

ALMA NOVA



SÉDE : Rua da Penha de França, 12, 1.º

LISBOA

